

Maluf, o “candidato macho”, mas sem apoios.

O PDS começa a rachar. Abandonado pelas bancadas de Minas e Rio Grande do Sul, Maluf não terá nem Esperidião Amin nem Delfim Netto em sua campanha.

Ser um “presidente macho” e trazer para o Brasil capitais dos Estados Unidos, da Europa e até “empréstimos a fundo perdido dos países árabes, para resolver o problema da dívida externa”. Essas são as promessas do candidato à Presidência da República pelo PDS, Paulo Maluf, que prefere ignorar a crise em que a escolha de seu nome mergulhou o partido. Mas a crise existe: hoje o senador Jarbas Passarinho deixa a presidência do partido. O prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, derrotado na convenção que indicou Maluf candidato, avisou ontem que não irá trabalhar na campanha do partido.

Mesmo se definindo como um “candidato macho”, que exercerá a Presidência em plenitude, com pulso, Maluf não explicou como conseguirá empréstimos a fundo perdido dos países árabes: “Não vou ensinar o pulo do gato a ninguém”. Candidato derrotado nas últimas eleições para governador e prefeito de São Paulo, Maluf acha que “hoje o Brasil está uma bagunça”, por isso mostrará em sua campanha que o País pode se desenvolver e chegar a ser um Canadá, uma Holanda, uma Inglaterra ou uma Itália.

Enquanto se prepara para, em 10 dias, começar suas visitas ao País, Maluf já decidiu: usará o também presidenciável Fernando Collor de Mello (candidato do PRN) como seu ilustre cabo eleitoral. Nos programas de tevê do PDS, o slogan será: “Faça como Fernando Collor: vote em Maluf”. E o telespectador verá um teipe onde Collor, o líder nas prévias eleitorais, garante seu voto a Maluf. Essa peça da campanha não esclarecerá, porém, que a gravação está sendo apresentada com cinco anos de atraso — ela foi feita em 1984, quando o ex-governador de Alagoas votou em Maluf para presidente no colégio eleitoral que acabou elegendo Tancredo Neves.

Dissidências

Como já havia anunciado, o senador Jarbas Passarinho deixa hoje a presidência do PDS — só falta decidir se ele pedirá renúncia ao cargo ou uma licença até depois das eleições. A tendência é pela renúncia, que deverá ser seguida por quase toda a executiva do partido, à exceção de Salim Curiati, primeiro-tesoureiro; Artemi Werner, segundo secretário; e Delfim Netto, vice-presidente. Com a saída de Passarinho, caberá a Delfim assumir o cargo: “Vou ter que fazer isso. Mas não farei campanha. Minha preocupação é evitar que o partido se desmanche”, avisou Delfim, que pretende resguardar o PDS para uma coligação no segundo turno: “Ninguém deve se enganar, essa campanha só tem Collor e Brizola. O resto é figuração”, analisou Delfim.

Preocupado com o racha, ontem mesmo Delfim evitou a divulgação de um manifesto contra Maluf, encabeçado pelo ex-deputado federal do Rio Grande do Sul, Nelson Marchezan. A tendência do grupo sulista é apoiar Leonel Brizola. Já a bancada mineira tende por Jânio Quadros (PSD) ou Fernando Collor: “Se Maluf se mostrar com chances, ficaremos com ele. Se não, vamos apoiar um candidato com possibilidades reais. As bases do PDS estão cansadas de perder”, explicou o deputado Bonifácio de Andrada.

Em Santa Catarina, o quadro é ainda mais negro para Maluf. Com a derrota do prefeito Esperidião Amin na convenção do fim de semana, os pedessistas catarinenses devem apoiar o PFL (se o candidato do partido for o senador Marco Maciel, que disputa a indicação com o ex-ministro Aureliano Chaves). Pessoalmente, Amin não exclui um possível apoio a Leonel Brizola.



Sérgio Amaral/AE

Maluf: “Não vou ensinar o pulo do gato a ninguém”.



Ricardo Chaves/AE

Passarinho e Delfim: fora da campanha do PDS.